Da gênese da humanidade ao apocalipse da sociedade por meio do racismo

» LEILA NEGALAIZE LOPES
Jornalista, produtora cultural, ativista afrolésbica da rede Sapatá, integrante da Coalizão Negra por Direitos



Para os iorubás, tudo que há no mundo visível e invisível é dotado de uma força que o sustenta e o faz existir. Essa força se encontra em toda parte, é vida e energia. Força que fica fora da experiência dos olhos do corpo, ainda que continuamente experimentada. É misteriosa e mantida por um sistema invisível de força e energias. É essa força, chamada "axé" na língua nagô ou iorubá, que assegura a existência dinâmica, permitindo o acontecer e o devir.

Sem axé, a existência ficaria paralisada, desprovida de toda possibilidade de realização. Ela é o princípio que torna possível o processo vital. O que isso tem a ver com a gênesis da humanidade e o apocalipse da sociedade? Ora, se paleontólogos, arqueólogos, antropólogos, entre outros cientistas, quase todos brancos, buscam respostas diferentes para a gênese da humanidade, e todas essas respostas os levam para o continente africano. Portanto, África é o berço da humanidade!

Segundo declara Laurent Duret, cientista atuante na França (Lyon): "Ainda que o DNA das mulheres negras de hoje não tenha "todas as variações [genéticas] possíveis para cada tipo de ser humano" na Terra e que o 'Eve gene' não exista, o DNA mitocondrial de cada ser humano descende de uma mulher africana que viveu há cerca de 200 mil anos. Além disso, como a espécie se originou na África antes de migrar para outras regiões, as populações desse continente têm a maior diversidade genética".

Assim, a afirmativa de Angela Davis se confirma: "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela". Tendo isto "escurecido" seguimos. Onde quero chegar com essa "escrevivência" (como define Conceição Evaristo)?

No Brasil, o que temos vivido é uma constante violência racial, onde apenas por sermos negros/as já nos colocam como alvo das mais diversas violações dos direitos humanos; do reconhecimento facial ao linchamento público por reivindicar o pagamento de salário atrasado ou por cobrar por um serviço que não foi pago via app. Morremos baleados na porta de casa, em frente à esposa e aos filhos, no mercado, nas periferias, o que nos coube no direito à cidade.

Desde o nutricídio (expressão que tem como sinônimo o genocídio alimentar), criada pelo norte-americano Llaila Afrika. Ele nos alerta que o agronegócio determina a nossa alimentação, à precariedade de acesso a políticas públicas básicas. Promovem o flagelo da extrema pobreza e dos salários baixos e, assim, a população negra e periférica, por meio da insegurança alimentar, desenvolve muitas comorbidades. Alinhada a essa necropolítica alimentar, social e territorial, ainda temos que lidar com a usurpação de nossos conhecimentos em fitoterápicos e alimentos que ainda são preservados nos terreiros de matriz africana que sofrem com depredações. Uma constante e exaustiva investida em apagar nossas memórias e contribuições históricas; estratégias para o apagamento de nossa identidade.

E, com tudo isso, tem a "cara de gente branca" dizendo que nós negras e negros só falamos de racismo. Não! O que estamos falando é que somos seres humanos, que movemos esta sociedade e que somos guardiões de um mundo que está sendo destruído em nome do desenvolvimento neoliberal, antagônico a nossa filosofia do bem viver. O racismo ambiental não está apenas nos exterminando, está exterminando a todos; com a Terra devastada, não existirá seres humanos, nem negros e nem brancos.

"Tudo que nós tem é nós!", canta Emicida. Já não acreditamos mais em um caminho apontado por quem não respeita nossa cultura, nossa arte, nossa fé; estamos nos recuperando mesmo que na "dororidade", segundo Vilma Piedade; mas ainda no amor pela vida universal. Resistimos com a força invisível, sagrada de toda divindade, chamada Axé.

Seguimos nos organizando em uma coalizão negra denunciando que, com racismo, não há democracia, não há natureza, não há mundo. Portanto, se somos a gênese, o apocalipse do racismo está próximo de ser exterminado, em nome de Zumbi, Dandara, Marielle, Moïse e tantas e tantos heróis e heroínas que tombaram abrindo caminhos para que uma nova geração possa recomeçar uma sociedade igualitária, sem racismo. Com a força do Axé, as sementes germinarão com o poder de salvaguardar o que mais temos de precioso, a vida humana. O vento é o devir!

Lição a aprender

» JOSÉ HORTA MANZANO
Empresário e blogueiro

Na quinta-feira em que escrevo, a Europa acordou sobressaltada. A ameaça em que ninguém queria acreditar se realizou. O pesadelo virou realidade. Já de manhã, jornais e tuítes confirmam: estão acontecendo coisas que a gente imaginava que tivessem ficado nos livros de história. Estourou uma guerra no continente. E não é uma guerra fria como a que durou de 1945 até o desmanche da União Soviética. A que estalou hoje é quente, com aviões, mísseis e tanques em movimento.

Imagine o distinto leitor, por um instante, que instalações industriais estivessem sendo alvo de mísseis em Salvador, em Belo Horizonte, em Porto Alegre, no Rio, ou em São Paulo. Imagine que bases aéreas como as de Anápolis e Santa Cruz estivessem sendo destruídas por bombas vindas não se sabe de onde, tudo ao mesmo tempo. Imagine que os principais aeroportos do país estivessem sofrendo o mesmo destino. É o que está acontecendo, no momento em que escrevo, na Ucrânia — país tão longe do mundo e tão perto da Rússia.

É a primeira vez, desde o fim da última guerra, que um grande país está sendo atacado por uma potência nuclear. Na Europa, em extensão territorial, a Ucrânia fica em segundo lugar, só perdendo para a própria Rússia. De 1945 para cá, houve, sim, incursão de potências nucleares em pequenos países. Em 1983, os EUA invadiram Granada, minúsculo país caribenho. Em 2008, a própria Rússia interveio na Ossétia do Sul, pequenina fração da Geórgia. Que um dos membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU ataque militarmente um país de área maior que a de 25 países europeus reunidos é pesadelo que, até poucas semanas atrás, não estava nos radares.

Curiosamente, essa Rússia gigantesca que mostra os músculos e assusta o mundo tem um PIB menor que o do Brasil. O PIB russo equivale, grosso modo, ao da Espanha. Isso demonstra o esforço especial que o governo tem feito em favor da despesa militar. A aritmética não falha: quando se investe demasiado aqui, há de faltar ali. Não há milagre. Os serviços públicos essenciais do país — educação, saúde, transporte, segurança pública, infraestrutura — hão de sentir o baque.

Os acontecimentos desta madrugada nos dão interessantes informações. A insistência de Biden, que, há semanas, vinha reafirmando vigorosamente que o ataque da Rússia era iminente, prova que os serviços americanos de espionagem funcionam. É de crer que haja infiltração de informantes no entourage próximo de Putin.

Será interessante observar agora a reação da China. Manterá o apoio a Moscou? De olho em Taiwan, ilha considerada "província rebelde", Pequim há de estar anotando cada detalhe da reação mundial ao ataque russo. Do que acontecer nas próximas semanas, dependerá a decisão de invadir Taiwan num futuro próximo.

Todos os países europeus, com a notável exceção de uma Bielo-Rússia enfeudada a Moscou, condenaram a invasão militar da Ucrânia nos termos mais vigorosos permitidos pela linguagem diplomática. Será interessante acompanhar a reação do governo brasileiro, que não se manifestou até o momento em que escrevo.

Há que ter em mente a intempestiva viagem de Bolsonaro à Rússia semana passada. Mais que isso, é preciso levar em consideração sua irresponsável afirmação de solidariedade para com aquele país. À vista disso, o Itamaraty está, como se costuma dizer, metido numa saia justa. Estamos do lado errado da História. Como pode o Brasil condenar a agressão militar russa à Ucrânia se, apenas uma semana antes, nosso presidente se declarava solidário à causa russa? Para contornar a situação, será preciso um contorcionismo verbal.

Vladimir Putin tornou-se dirigente da Rússia há 22 anos. Sua permanência no topo não teria sido possível sem ampla cooptação da intelligentsia do país e da oligarquia enriquecida na esteira do desmonte da União Soviética. O sistema é vertical e funciona em circuito fechado. Putin depende da elite cooptada, e esta só sobrevive graças a ele.

Embora mais tênue, o risco de instauração de semelhante sistema existe entre nós. Temos, no poder, um candidato a ditador autocrata. É bom tomar cuidado. Se bobear, o bicho pode pegar.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Erros históricos

Erros históricos são aqueles que, por suas dimensões e efeitos negativos ao longo do tempo, ficam registrados para sempre, marcando seus personagens em episódios que obscurecem não só a imagem de seus autores como a do país que representam, prejudicando ambos indistintamente. A história da humanidade está repleta de exemplos, bastando ao interessado consultar os registros do passado.

No Brasil, alguns dos muitos erros históricos cometidos no passado nos conduziram para o que somos hoje como país e nação. Dos erros históricos mais significativos e que levaram a nos distanciar de países, como os Estados Unidos, colonizados no mesmo período, destacam-se a perpetuação do regime da escravidão, a manutenção dos latifúndios, a monocultura de produtos para a exportação e a exploração, além da depredação da colônia, exaurida e renegada a ser apenas uma economia complementar à metrópole.

Um erro histórico e contemporâneo imenso, capaz de empurrar todo o país para uma crise institucional que desembocaria na desventura do regime militar, foi a renúncia, até hoje mal explicada, do presidente Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961. Os efeitos deletérios desses cometimentos impensados marcam e afetam o país, o que mostra, com clareza, que nossas autoridades em todo o tempo e lugar, sempre desprezaram as lições do passado. Não é por outra razão que repetia o filósofo de Mondubim: "Quem não aprende com a história, está condenado a repeti-la".

Deixando de lado os muitos e repetidos erros históricos cometidos durante a década petista e que nos levaram à mais profunda brutal recessão que experimentamos, todos eles decorrentes de um misto entre má gestão e corrupção sistêmica, chama a atenção a recente visita feita pelo atual presidente Bolsonaro à Rússia. Não bastasse a presença do chefe do Executivo ao Kremlin, num momento absolutamente inoportuno, contrariando todas as recomendações de assessores que lidam profissionalmente e no dia a dia com as relações internacionais.

O presidente, sob o pretexto de que trataria de assuntos relativos ao fornecimento de insumos agrícolas, ainda cometeu o erro histórico de afirmar, com todas as letras e no plural: "Somos solidários à Rússia".

Com isso, falando em nome do Estado que representa, colocou todo o Brasil e sua população ao lado do fratricídio que vem sendo cometido pelo atual Napoleão de hospício, na figura do ditador russo. São não só uma vergonha para todos nós que fatos como esses tenham acontecido e registrados em vídeo para a posteridade, como continuem a ser confirmados pela tibieza de nossos representantes na Organização as Nações Unidas (ONU).

Errar historicamente é persistir no erro, quer por voluntarismo, quer por total falta de senso ou razão. Não satisfeito com essa gafe internacional, o chefe do Executivo, em pronunciamento durante essas costumeiras e patéticas lives, condenou o pronunciamento do seu vice-presidente, general Hamilton Mourão, que defendeu reprimenda dura às ações de Putin, se posicionando ao lado da soberania dos países e da democracia.

Os Estados Unidos e seus aliados deixaram entender que as nações que, agora, apoiam as atrocidades desse Napoleão de hospício russo ficarão marcadas como inimigas da democracia. Ir contra a corrente internacional, passou a ser, desde 2018, o que nosso país tem feito. Questões como o aquecimento global, a preservação do meio ambiente, a vacinação, entre outras, mostram que seguimos à deriva, sem um norte, guiados por um néscio.

» A frase que foi pronunciada

"A guerra é um lugar onde jovens, que não se conhecem e não se odeiam, se matam, por decisões de velhos que se conhecem e se odeiam, mas não se matam."

Erich Hartman

Sina

» Tem sido a sina de todos os grandes ditadores e tiranos deixarem, atrás de si, um gigantesco cemitério com milhares de vítimas e uma paisagem de escombros e cinzas, que testemunham sua passagem ruinosa entre os humanos.

Ditadores

» Um dos mais antigos e utilizados estratagemas que ditadores de hospício, como o russo e outros ao longo da história humana, sempre recorreram para manterem-se em evidência e, com isso, desviar a atenção do cidadão comum, é eleger um inimigo externo, debitando a ele todas as causas, agruras e infortúnios experimentados pela população. Esse inimigo da nação devem ser monopolizados toda a força do país para derrotá-lo, obviamente sob o comando supremo do chefe ou, comumente, como preferem, o "pai da pátria".

» História de Brasília

*A W-4, também, está um encanto. A agressividade do conjunto arquitetônico, com côr única e linhas retas, teve a monotonia quebrada com os jardins, que estão dando mais beleza para a vista. (***Publicada em 18/2/1962***)*